



Festival Arranha-Céu de Circo Atual chega à terceira edição com apoio do Correio Braziliense



Ian Grandjean

Cena do espetáculo *Nos Fardeaux*, parceria Brasil/França



João Saenger

*Assum preto* fala do lugar do corpo negro por meio da linguagem circense



Sarah Leal

*King Kong Fran* mescla circo e teatro



João Saenger

Objetos, como garrafas de vidro, são protagonistas em *23 fragmentos desses últimos dias*

# O circo em todos os lugares

» NAUM GILÓ

É fácil dizer o que vem à cabeça quando escutamos a palavra circo. Lona, picadeiro, palhaços, malabaristas, contorcionistas e equilibristas são alguns dos elementos que associamos a essa linguagem artística. O Arranha-Céu — Festival de Circo Atual, que chega à sua terceira edição, este ano, com apoio do **Correio Braziliense**, porém, busca que o público amplie esse conceito.

De acordo com uma das organizadoras, Julia Henning, o trabalho curatorial do festival foi feito em cima do tema “Qual é o lugar do circo?”. Cada um dos seis espetáculos que se apresentam vão dar uma resposta diferente a essa pergunta. “O circo tem uma imagem romantizada, mas ele pode ser muitas coisas, com diferentes formatos e espaços, como na rua, galpões e teatros”, explica Julia, que lembra que circo é uma linguagem das artes cênicas, e não é teatro.

A ideia é que o público veja os espetáculos e questione se aquilo também é circo. “Tem espetáculo que vai falar do lugar do corpo negro, do patriarcado, que vai usar do espaço circular para perguntar o que cabe no mundo. Nós juntamos coisas diversas no mesmo espaço. Teremos, também, o espetáculo para pessoas cegas, trabalho que é resultado da residência artística que começou antes e faz parte do festival”, detalha Henning, que é artista circense e integrante do coletivo Instrumento de Ver, que promove o festival.

“Circo é uma linguagem muito marcante, fica gravada na memória, porque é uma experiência sensorial e brinca com o

O Festival de Circo Atual Arranha-Céu quer que o público pense sobre os formatos e o espaço que ocupa essa linguagem artística, que ganha contornos surpreendentes nos espetáculos apresentados em diferentes pontos da capital

extraordinário”, define Henning, que é uma das artistas circenses do espetáculo *23 fragmentos desses últimos dias*. O recenseado Lucas Maciel faz parte da mesma montagem, que terá números de faquirismo, contorcionismo, acrobacias, equilíbrio e dança. Maciel vai surpreender o público com frevo, contorção, acrobacia e forró.

Ele explica que o espetáculo também tem o protagonismo dos objetos, como garrafas de vidro, que podem parecer frágeis, mas conseguem sustentar um corpo humano inteiro em cima dela. “São vários itens que brincam com a dualidade do forte e do frágil, do delicado e do arriscado. O risco é um dos principais fatores da arte circense”, antecipa Lucas.

O nome da montagem se dá pelo fato de ser estruturado como nos circos tradicionais, em números. Mas engana-se quem acha que serão “apenas” 23 números. “Serão 36. Quem for ver vai ter 13 de bônus”, revela o artista. “É tudo é feito para atingir tanto o universo poético quanto o político, na defesa da arte e da

cultura e da vontade de seguir adiante, apesar dos obstáculos. E a poética não é escapismo, é um caminho”, acrescenta Maciel, que destaca que a força do circo está mais no que se vê do que no que se fala.

## Programação

Os espetáculos começam hoje, com a apresentação de *Assum preto*, do artista brasileiro Marco Motta, radicado na Espanha. Inspirado nas canções *Assum preto*, de Luiz Gonzaga, e *Blackbird*, de Nina Simone, a obra trata de como o corpo negro é visto no Brasil e na Espanha. As duas sessões ocorrem hoje e amanhã, às 20h, no Teatro Galpão Hugo Rodas, no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul. “O público pode esperar alegrias e emoções fortes. É para pensar e repensar seus valores. Em outras apresentações, muita gente já saiu chorando”, relata Gabi Onanga, produtora do espetáculo.

O *Cabaré da Nega*, da companhia Circo Travessia, será no

domingo, no qual um grupo de palhaçaria e um músico excêntrico juntam-se para um grande espetáculo, prometendo sinfonias de besteiras afinadas de rir sem dó. A direção é de Ana Luíza Bellacosta. Já as duas sessões de *23 fragmentos desses últimos dias* ocorrem em 1º e 2 de junho, às 19h, no Teatro Plínio Marcos, no Eixo Cultural Ibero-americano (antiga Funarte).

A *rana da macaxeira*, de Júlia Maia e Trupe Raiz do Circo (Brasília), será apresentado no Parque Ana Lúcia, no Parque da Cidade, em 2 de junho. Nesse espetáculo, palhaçaria e breaking se misturam em cena todo tempo. A direção e performance é da bgirl Júlia Maia. *NOS FARDEAUX* — o fardo nosso de cada dia, da Companhia Um Passo à Frente (França-Brasil), apresenta-se na área externa do Eixo Cultural Ibero-americano, em 1º e 2 de junho, às 18h30.

O espetáculo para cegos *Olhos: corações que sentem* será no espaço da Cia Miragem na Vila Telebrasília, neste domingo, às 10h. É para cegos, mas quem enxerga também pode assistir. A direção é de Vini Martins.

A programação completa, com mais detalhes dos espetáculos, oficinas, colóquios e exposição fotográfica pode ser conferida no perfil [@festivalarranhaceu](#), no Instagram.

## Podcast do Correio

Quem está interessado em saber ainda mais do processo de criação do Festival Arranha-Céu pode conferir o bate-papo com as organizadoras Julia Henning e Maíra Moraes com os jornalistas Ronayre Nunes e Naum Giló, no *Podcast do Correio*, acessando pelo QR Code ou pelo site [www.instrumentodever.com/arranhaceu2024](#)



Assista ao Podcast do Correio